



Rodolpho Alves de Farias

Porque sou Athêo

1902

Porque Sou Athêo¹

(De um montão de ruínas)

(A meu Pae, á minhas Irmãs)

O medico estivera alli, havia pouco.

Era um homem alto, muito magro, hectico mesmo, embrulhado em roupas grossas de lã, com uma fixidez eterna no olhar.

Podia mudar a vista, apanhar muito objectos no phenomeni perceptivo, variar de attenção... mas a fixidez do olhar era sempre a mesma, eterna, fira, lembrando uma verruma que entrasse na carne insensivelmente, todas as vezes que as suas mãos magras e longas palpavam o pulso e o vulto esqueletico se approximava de um doente.

Por um esforço de imaginação consigo lembrar-me ainda como se chamava.

Era o dr. Gonzaga.

Voltando-se para mim que não sahia do lado da pobre enferma, disse-me:

– É bem provavel que se salve. Posso mesmo garantir...

Mas a sua voz tinha a frieza desmesurada de um desconsolo extremo.

Na vespera longa lucta se travára entre elle e meu pae.

O tratamento da pneumonia exigia o quinino, o uso do sulfato e meu pae trazia do seu passado uma crença atroz na homeopathia, nos remedios por globulos, odiando, levantando uma barricada no emprego dos sulfatos e principalmente ao de quinino por excitante e desmoronador do estomago e pelo exagero das suas qualidades alcalinas.

E agora eu lia no olhar do medico, atraves da grande serenidade da feição que elle mostrava, que a minha adorada enferma, pela qual eu teria dado todas as minhas vidas, se mais de uma tivesse, ia ser fatalmente da Morte, levada na grande onda glacial do Nada, um oceano que banha as praias vasias do outro mundo.

– Meus Deus! Que cousa atroz esse espetáculo, para mim que escapára, haviza mezes, á fome pavorosa do mar, n'um naufragio e que vinha morrer agora positivamente alli, pelos olhos sem expressão e vasios da minha pobre mãe!

Em casa um soluço durava, havia dias.

Uma sombra de pesar velava o olhar de todos. Andava-se hesitando entre o desfecho fatal e uma esperança azulada do azul desmaiado de téla esquecida, sobre se ella escaparia...

– Podia escapar... tinha se visto tantos. Em torno do leito as cabeças flavas e ideaes de minhas duas irmãs punham-lhe um raio de sol na fronte e principalmente a da mais moça, de um louro escuro, cendrado, era a predilecta do seu olhar já quasi vasio.

Dir-se ia que a sua retina já não supportava o fulgor intenso do sol, o reflexo de ouro dos cabelos amarellados da mais velha.

E ao fundo d'essa paysagem triste de inverno moral, estava na sombra a grande Dôr, muda, a grande Dôr pavorosa, a Magua intensa de meu Pae.

Havia vinte dias que luctavamos, que disputavamos á Morte esse corpo agora frauzino, de enfermo que se sente morrer.

Uma manhã meu pae resolveu chamar um padre.

¹ Crônica transcrito periódico carioca: **Rua do Ouvidor**, ano 6, nº 237, p 5, 22 de novembro de 1902.

Aquilo irritou-me.

– Para que? Pois poderia um padre dar-lhe a saúde do corpo, o que era todo o nosso desejo, o que era toda a nossa ancía? Não, por certo! Quanto á saúde da alma (não havia) essa, ella o tinha n’uma primavera de boas acções, enflorada de sentimentos os mais generosos aluido, em flôr.

Mas meu Pae, muito religioso, orthodoxo mesmo, foi ver um padre.

N’essa epocha eu hesitava ainda sobre minhas crenças religiosas. Educado finalmente na pratica de actos catholicos, com o oleo da religião a cahir-me na alma, como uma fonte eterna, pela palavra dos meus, eu tinha, apezar d’isso, tendencias pronunciadas para uma certa revolta, para uma emancipação de credices.

É exacto que n’um momento de angustia, n’um instante extremo de naufrago da vida, Deus era o meu refugio, como o fundo de uma gruta é o abrigo de um viajor perdido.

E não sei se era a confiança exagerada que acordava dentro de mim, não sei se as preces de minha mãe e de minhas irmãs, o facto é que sempre eu me salvava.

Veio um padre, pois, o conego Ribeiro.

Um silencio de morte pesou sobre nós e na tranquillidade do ar um sino dobrava a finados, fóra, e ouvia-se, vindo d’aquelle quarto, o murmurio da voz do confessor.

Quando acabou e exhaustos todos, com uma mascara de alegria no rosto, rindo para ella, achando-a hirta, como achamos bonita uma capella de enterro, a pobre enferma tinha um ar tão constricto, tinha uma feição tão resignada, que eu voltei instinctivamente o rosto e ás occultas deixei o quarto de repente.

É que eu sentira uma pavorosa vontade de chorar; o pranto, havia tanto, não vertido, tivera uma prea-mar dentro de mim e quizera subir-me aos olhos e inundal-os.

Mas a sua voz chamou-me.

– Meu filho, disse-me ella – e na sua voz havia todo o choro nostalgico de um violino illustre –, sei que não acreditas nestas cousas de religião...

– Mas creio, mamãe!

– ... que não tens por Deus a adoração que deverias ter, mas peço-te uma coisa agora que estou prestes a deixar-te, e é que rezes ás noites uma *Ave Maria*, uma só ... Promettes?

– Juro-te, minha santa.

E riu-se para mim com seu riso bom e unguido de mãe moribunda.

Uma de minhas irmãs servia-lhe de apoio, a outra segurava-lhe as mãos.

E havia tanta doçura, um ar errante de tanta crença e tanta suavidade n’aquelle quadro ephemero que eu fui abalado até o intimo e que me voltei mesmo para um crucifixo de prata que havia sobre a mesa, junto, n’um longo olhar supplice de peccador.

Dois dias depois o mal assoberbou-a. veio com a mão herculea de victorioso e fechou-lhe a voz. Depois os seus dedos repugnantes puzeram-lhe encovamentos na face e inquietação repetida nos gestos.

Era a *mise-en-scène* para o tumulo.

O dr. Gonzaga foi chamado a toda pressa. Veiu e lavrou-lhe a sentença de morte, com o seu gesto frio de homem impassivel, a fixidez profunda do seu olhar.

Nada ha mais a fazer. Resignem-se e orem por ella.

Aquelle medico acreditava em Deus? E pensa então justamente que Elle, que era tão Bom, tão Misericordioso, não poderia roubar-a assim ao affago e carinho da familia...

Mas ás tres horas da madrugada um trismo profundissimo contrahiu-lhe a face.

Depois outro... depois outro...

Estava morta.

E enquanto me não sahir da lembrança aquelle cadaver, estirado e pavoroso como uma visão, hei de ser athêo!

R. Alves de Farias.